

Festas da Misericórdia em Envendos

Como havíamos noticiado, realizaram-se nos dias 30 e 31 de Agosto e 1 de Setembro, as festas comemorativas da restauração da Misericórdia de Envendos, que decorreram com o grande brilhantismo que estava previsto.

As festas iniciaram-se no dia 30 com a alvorada pela banda da Árgea que, sob a hábil regência do conhecido



Envendos — Vista parcial

maestro Sr. João Mineiro, mais uma vez afirmou os seus créditos, merecendo muitos aplausos os selectos programas que executou.

Às 13 horas pôs-se em marcha do Largo da Escola para a Praça o vistoso cortejo das *fogaças* — que eram mais de 70, algumas de muito valor — conduzidas por muitos rapazes e raparigas de toda a freguesia em cestos e taboleiros vistosamente preparados com toalhas arrendadas e flores.

Quando o cortejo vinha a meio do percurso surgiram no céu límpido três aviões de Tancos pilotados pelos srs. capitão Dias Leite, e alferes Rodrigues Costa e Costa Franco, que foram recebidos com grandes manifestações de entusiasmo pelo povo.

Os ilustres oficiais executaram alguns arriscados exercícios de acrobacia que causaram, pelo arrojo a admiração popular.

Chegado o cortejo à Praça — que, bem como as ruas principais se encontrava vistosamente engalanada — realizou-se a anunciada sessão pública em que usaram da palavra os srs. António Heitor Dias, administrador do concelho, Drs. João Farraia Calado Rodrigues e Izidoro Estréla que foram unâmes em enaltecer o objectivo de caridade das festas e em render elogios aos componentes da mesa da Misericórdia Srs. Luiz da Silva Catarino, provedor e Joaquim de Matos Casaca, Bernardino Pereira Torres, Primo Martins Pinheiro e Joaquim Martins Pinheiro, o que provocou vibrantes manifestações de aplauso da multidão.

Este entusiasmo da assistência dobrou quando o sr. Luiz da Silva Catarino usou da palavra, a fechar a sessão, sobretudo quando, comovidamente, apresentou 3

crianças orfãs de pai e mãe que, por esforços do orador e de outros envendenses, designadamente das Matas, estão internadas em Lisboa, na Casa Pia, no Asilo Maria Pia, e no Asilo 28 de Maio.

Longamente, a multidão comovida, ovacionou o orador, os restantes membros da mesa da Misericórdia e os outros promotores das festas.

Foi êste, sem dúvida, um dos momentos mais impressionantes dos festejos em que mais vivamente esplendeu a nota de caridade que os caracterizava.

As três crianças, foram ali testemunhos vivos da caridade traduzida em actos de merecimento evidente.

Houve outro momento semelhante, no dia seguinte. A ele faremos referência mais abaixo.

À noite, na Praça profusamente iluminada, realizou-se o arraial extraordinariamente concorrido tendo sido queimado junto da estrada, à entrada da vila, um belo fogo de artifício do acreditado pirotécnico de Mação sr. Manuel Fernandes.

Terminou assim o primeiro dia das festas. Na noite luarenta, os envendenses e os seus hóspedes (que tão cumulados foram de atenções) recolhem a casa a retomper-se para os festejos do 2.º dia, enquanto nas tocas do Caldeirão e dos montes próximos as raposas se conservam ainda nas tocas, pávidas pelo ribombo dos morteiros; mais pávidas ainda, decerto, do que os seus avoengos do tempo em que os franceses, — vencedores em farrapos — passaram ali perto.

2.º dia. — O calor, que na véspera fôra de canícula, abrandou um pouco, mas não abrandou a animação das festas.

Na Praça sob as árvores copadas, vai ser servido, a expensas do sr. Luiz da Silva Catarino, um lauto jantar a 300 crianças.

Vão chegando em bandos, como avesinhos chilreantes, e o recinto das festas enche-se de risos, de alegre bulício duma animação esfusiente, a espaços cortada, aqui e além, por pequeninas querelas na conquista dos lugares. Muitos velhos não vêm bem o espectáculo polí-cromo, encantador, porque os olhos se lhes enevoam, ve-

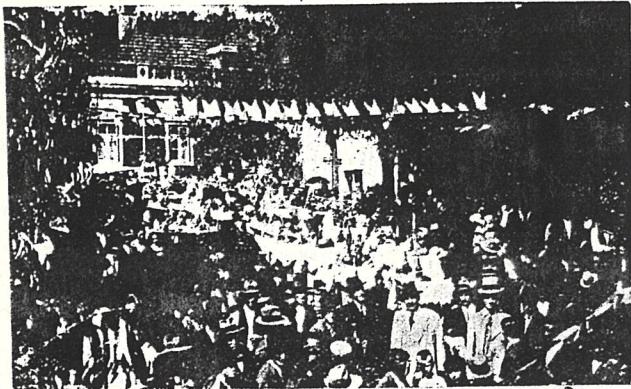


O grupo dramático

lando-lhes de saudade, de ternura, o sorriso sereno, comovido.

Por fim, todas as crianças se acomodam nas extensas mesas para esse fim armadas e se quedam, graves como pessoas grandes, de colher em riste, os olhos gulosos fitos nos tachos do arrôs dôce e as azitas dos narizes colhendo o olor dos manjares apetitosos.

Começa a servir-se o jantar sob a direcção gentil de



A chegada das fogaças à Praça. — No primeiro plano vê-se o Sr. Luís Catarino, ladeado pelos seus colaboradores

muitas senhoras, de entre as quais tomámos nota das seguintes:

D. Maria Emilia Heitor Catarino, D. Natália Ventura Caria Rodrigues, D. Maria Vitória Massano Amorim, D. Arminda Viegas, D. Laura Matos Pereira, D. Maria José Grilo Sabino, D. Maria Luiza Grilo Sabino, D. Maria dos Prazeres Sabino, D. Henriqueta Marçal, D. Maria Amélia Lopes e D. Maximina Torres Tavares.

A refeição segue os passos da regra clássica: Primeiro o *silentium* apenas cortado pelo bater das colheres nos pratos e pelos acordes harmoniosos com que a filarmónica da Árgea vai rendilhando o infantil repasto.

Depois o *tumor dentium*, o mastigar regalado.

Por fim, o *stridor gentium*, o clamor alacre e grato, quando o arrôs dôce chega e o parcimonioso dedal de vinho tinge de rosa as faces.

As crianças aclamam entusiasticamente o sr. Luiz da Silva Catarino e a assistência numerosa associa-se com calor à manifestação aplaudindo-o também pelo seu bemérito acto.

E foi assim que à da véspera se juntou mais uma nota de caridade, simpática a toda a gente.

Porque, como escreveu Mendes Leal:

*Justifica-se a grandeza
Sabe melhor a existência
Quando o festim da opulência
Leva um sorriso à pobreza.*

A animação continuou durante o dia e à noite realizou-se num teatrinho armado no grande armazém do sr. Bernardino Tavares de Oliveira, que se encontrava à cunha, a récita.

Subiu à cena a farça em 3 actos do sr. Dr. Calado Rodrigues. O *Comendador Sinfrónio*, fechando o espetáculo com um interessante acto de variedades.

De justiça é dizer-se que o grupo de distintos amadores de Envendos que representou a farça se houve

por forma a merecer os mais calorosos aplausos. É que não será fácil encontrar, em terras da categoria de Envendos, um grupo assim, cujos componentes, pisando pela primeira vez o palco, souberam encarnar tão correctamente as personagens, revelando-se mesmo algumas apreciáveis vocações.

António de Matos Torres fez um *Comendador* ex-plêndido, plácido, mesurado, dominado pela mulher e que chega a ser um grande homem sem querer.

D. Maria R. Pinheiro na *nova rica* D. Francisca da Cruz, antiga criada de servir, fez uma característica ótima sabendo dizer e pisar o palco por forma a não recear confronto com muitas actrizes de carreira que temos visto.

D. Maximina M. Torres e D. Alice M. Pinheiro foram duma grande correcção nas *ingénugas*, assim como D. Laura M. Pereira o foi no papel da *D. Mónica*, amiga de *D. Francisca*: uma amiga bisbilhoteira e mordaz como há muitas.

A. Matos Júnior no papel de *Baldomero*, jornalista, e J. M. Pinheiro no de *Dr. Mário Rei*, secretário do ministro, foram dois bons galãs.

Fernando M. Pinheiro, no papel de *Serapião*, criado e secretário do *comendador*, puxou a gargalhada geral no cômico, revelando apreciáveis qualidades histrionicas.

E até João M. Pinheiro na pequenina *rábula* do empregado soube concorrer para o conjunto.

Enfim, um belo espectáculo que bem mereceu os fardos aplausos que aos actores foram dados não só na primeira representação mas nas duas repetições em Envendos e uma em Belver, onde o grupo representou na noite de 15 de Setembro, tendo sido ali carinhosamente recebido.

No 3.º e último dia das festas, continuou, com grande animação, o leilão das fogaças e prendas do bazar, realizando-se à noite o último arraial que foi abrillantado pela filarmónica de Maçao que, graciosamente, quis contribuir assim para o maior brilhantismo das festas, que deixaram profunda impressão de agrado nos envendedores e nos numerosos forasteiros que acorreram à pitoresca vila, não só pela imponência de que se revestiram mas também pelos seus objectivos de caridade e pelo seu belo resultado económico, pois a receita atingiu 9.00\$00, o que é importantes, sobretudo atendendo ao mau ano agrícola.

A obra do Estado Corporativo

Com o relato da inauguração da «Casa do Povo» de Alcaravela, inicia «Terras do Tejo» neste número a secção «A obra do Estado Corporativo», secção que será especialmente documentada com largas referências aos melhoramentos regionais e com interessantes depoimentos das figuras marcantes da região.

Para que esta secção tenha o maior interesse, «Terras do Tejo» far-se-á representar em todos os actos de celebração daqueles melhoramentos para os quais receba convite, aceitando, com agradecimento, as informações que a tal respeito lhe sejam enviadas.